



Revista História : Debates e Tendências (Online)

ISSN: 1517-2856

ISSN: 2238-8885

Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História

Silva, Daniel Afonso da

À sombra do general: a consolidação da relação franco-brasileira contemporânea-1997-19991

Revista História : Debates e Tendências (Online),
vol. 17, núm. 1, 2017, Janeiro-Junho, pp. 124-135

Universidade de Passo Fundo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História

DOI: <https://doi.org/10.5335/hdtv.17n.1.5712>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552459228009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

UNEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa acesso aberto

À sombra do general: a consolidação da relação franco-brasileira contemporânea – 1997-1999¹

In the shadow of General: consolidation of contemporary
Franco-Brazilian relationship – 1997-1999

A la sombra del General: consolidación de la relación
franco-brasileña contemporánea - 1997-1999

Daniel Afonso da Silva*

Resumo

O artigo reconstitui o processo de consolidação da relação franco-brasileira entre 1997 e 1999. Considera que a visita de estado do presidente Jacques Chirac ao Brasil em março de 1997, após a visita de estado do presidente Fernando Henrique Cardoso à França em maio de 1996, contribuiu fortemente para essa consolidação. Indica que, após 1997, ocorreria, portanto, maior interação entre autoridades francesas e brasileiras. Demonstra que o encontro entre os chanceleres dos dois países em 1999 foi o momento final da estruturação do relacionamento bilateral.

Palavras-chave: Brasil-França. Diplomacia. FHC-Chirac.

J'ai le sentiment qu'après une sorte d'éloignement, une famille se retrouve. Nous appartenons en réalité à la même famille : l'Amérique latine, l'Europe, c'est une famille. Elle s'est un peu séparée pour des raisons d'histoire, de géographie et je voudrais qu'elle se retrouve.
Jacques Chirac, presidente francês, a 8 de março de 1997, vésperas de sua primeira visita ao Brasil.

As águas de março ainda tardariam a liquidar o verão austral, quando o presidente Jacques Chirac iniciou em Brasília a sua primeira *tournee* de capitais da América do Sul em março de 1997. Buenos Aires, Mon-

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professor-pesquisador no Ceri-Sciences Po de Paris, França. E-mail: daniel.afonso66@hotmail.com

Recebido em 19/04/2016 - Aprovado em 18/12/2016
<http://dx.doi.org/10.5335/hdtv.17n.1>

tevidéu, Assunção, Bogotá seriam visitadas após Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. O Mercosul era seu objetivo como líder francês da União Europeia. O Brasil era seu interesse particular como fiel seguidor da intuição do general De Gaulle (VAÏSSE, 2009, p. 439-446).

Quando da grande *tournée* do herói da *France libre* por nove países da região Sul-americana – Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Paraguai e Brasil – do 21 de setembro ao 15 de outubro de 1964, sendo o Brasil deixado por último. O valor da visita era mais simbólico e estratégico do que programático e pragmático.² Havia certa dívida do general com muitos cidadãos de todos esses países que haviam apoiado a sua resistência ao regime de Vichy durante a ocupação nazista da França, 1940-1944. Mesmo que a posição brasileira oficial sobre o conflito tenha sido, inicialmente, hesitante, abundaram, no Brasil, partidários da *France libre*. Alguns, na discrição desde 1940. Outros no impulso do “Comité De Gaulle” instaurado no Rio de Janeiro desde 1941 (ANFROL, 2014). Após a libertação da França em 1944, o fim da grande guerra em 1945 e a fundação da Quarta República francesa em 1946, o general acabaria por se retirar da vida política para retomá-la somente em 1958 (CRÉMIEUX-BRILHAC, 2014; RÉMOND, 2003). Desde o seu retorno, o esforço definitivo de sua ação exterior consistiu em *parler à tous* para fazer da França uma alternativa ao conflito Leste-Oeste e ao monopólio de interesses internacionais norte-americanos ou soviéticos. Essa intenção contou forte e majoritariamente com a reabilitação do prestígio histórico do general (TROUVÉ, 2014; VILLEPIN, 2005). Em toda parte, ele era recebido – e

se fazia entender – como um mito vivo. Essa condição o permitia promover aproximações e pactos morais com autoridades desses países (VAÏSSE, 1998). Essa sua longa *tournée* das Américas começara a ser gestada em 1959 com o envio de André Malraux aos principais países da região. Rio de Janeiro e Brasília foram as capitais das mais notadas (PELOSI, 2014). A geografia e a demografia brasileiras impressionavam. Seu peso político e econômico era considerável. Sua relação histórica, artística e cultural, com a França e os franceses também. As missões francesas de 1816 e 1934 haviam fundido a imaginação coletiva dos dois países de modo inédito e exemplar. O alto comando das forças armadas brasileiras do pós 1914-1918 tinha sido formado por franceses. Os diplomatas brasileiros seguiam as insígnias de distinção vindas da França. A obra de Jorge Amado ia encantando o público francês desde os anos de 1940 e enraizando uma ideia do Brasil. *Tristes tropiques* de Claude Lévi-Strauss e *Brésil, terres de contrastes* de Roger Bastide dos anos de 1950 iam demonstrando a sua complexidade. Malgrado diferenças políticas e dificuldades econômicas na interação dos dois países – em 1964 o Brasil vinha iniciar seu regime militar e sua condição econômico-fiscal era penosa frente. A França em seus mais áureos momentos dos trinta anos gloriosos europeus do pós-guerra –, o general manteria a visita ao Brasil e consideraria melhor terminar a *tournée* nele, o Brasil, em mostra de estima (VAÏSSE, 2014). O presidente Jacques Chirac faria sua primeira viagem ao Brasil, trinta e três anos depois, no mesmo espírito, mas com peso simbólico, estratégico, programático e pragmático diferentes.

Dias antes do início de sua *tournée* das Américas, o presidente Jacques Chirac diria a jornalistas brasileiros que “*J’ai le sentiment qu’après une sorte d’éloignement, une famille se retrouve. Nous appartenons en réalité à la même famille : l’Amérique latine, l’Europe, c’est une famille. Elle s’est un peu séparée pour des raisons d’histoire, de géographie et je voudrais qu’elle se retrouve*” (TV GLOBO, 1997). Esse sentimento de reencontro era impulsionado pelas profundas modificações do cenário mundial desde 1985. O desaparecimento da tensão Leste-Oeste inspirou a sensação de “unipolaridade” mundial inaceitável aos franceses. A confirmação da União Europeia acabou se transformando no instrumento francês de reação à *hyperpuissance* norte-americana. A construção de um espaço internacional multilateral virou sua obsessão. O *parler à tous* do general De Gaulle encontraria na presidência Chirac uma significação mais pragmática que moral. O imperativo da manutenção da influência francesa além-União Europeia foi perseguido diuturnamente pelo presidente Jacques Chirac desde a sua posse em maio de 1995. O desejo de *partenariat* por toda parte suplantara, assim, o simples *parler à tous*. Mais que a conservação de contatos estratégicos com os países tradicionalmente aliados, a França procurou, então, renovar os vínculos econômicos e políticos. Estados Unidos, Ásia e mundo árabe e mediterrânico foram as primeiras experiências nesse sentido. A América do Sul viria logo em seguida (VAÏSSE, 2009; SOUTOU, 2011; VÉDRINE, 1996; CHIRAC, 2012).

O acordo Mercosul-União Europeia de fins de 1995 sugeria uma aposta na aproximação de agrupamentos regionais. Na tradição

gaulliste habilitada pelo presidente Jacques Chirac essa aproximação era a simples expressão do reencontro da grande família latina. Em seu entender alinhado ao do general, Europa e América do Sul “*Ce sont les mêmes racines, ce sont les mêmes intérêts, c’est la même psychologie, c’est la même vision de l’homme, c’est la même culture*” (TV GLOBO, 1997). Do 11 ao 18 de março de 1997, o mandatário francês investiria na renovação da interação visitando Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Colômbia. O início de tudo foi no Brasil.

Coisas do Brasil

A estabilização da democracia e da economia tornou o Brasil um país absolutamente “frequentável” na ótica dos franceses (VAÏSSE, 2009). Ainda eram imensas as suas desigualdades sociais e regionais, mas sua condição de Belíndia ia desaparecendo progressivamente (ROUQUIE, 2006). O sucesso do plano Real e a eleição de Fernando Henrique Cardoso à presidência causaram forte impressão positiva no exterior. A França vivia seus últimos momentos da presidência François Mitterrand. E mesmo que absortos em suas eleições presidenciais, os franceses não deixariam de notar a importância dessa renovação brasileira. Desde a posse do novo presidente do Brasil em janeiro de 1995, os enviados *Quai d’Orsay* em Brasília lhe demandavam uma visita de estado ao *Élysée* e à França (CPDOC-FGV, 1995). Essa visita oficial ocorreria nos dias 28 e 29 de maio de 1996. Convinco da importância do gesto, o presidente Jacques Chirac retribuiria essa visita nos dias 12 e 13 de março do ano seguinte. Esse encontro de 1997 promoveria a consolidação da relação franco-brasileira contemporânea.

*

O grande discurso do presidente Jacques Chirac diante do Congresso brasileiro no dia 12 de março de 1997 formalizou o sentido da visita. Diria o mandatário francês

comme je l'ai fait à Washington devant le Congrès des États-Unis à propos de la relation transatlantique, puis à Singapour pour le partenariat euro-asiatique ; comme je l'ai fait au Caire pour les rapports avec les mondes arabe et méditerranéen, je souhaite aujourd'hui, dans ce haut lieu de la démocratie latino-américaine, vous présenter mon ambition pour les relations entre la France, l'Europe, le Brésil, le Mercosul et l'Amérique du Sud.

O núcleo dessa ambição era forjar o *partenariat* estratégico também com o Brasil e, assim, atualizar a cartografia diplomática imaginada pelo general De Gaulle (VAÏSSE, 1998).

As profundas transformações dos dois lados do Atlântico davam sentido visionário, da ótica francesa, a esse *partenariat*. A União Europeia era uma verdade e a moeda euro já tinha data – o 1º de janeiro de 1999 – para entrar em vigor. O agrupamento Mercosul também era uma verdade e, à época, conferia impulso à consolidação das democracias da região. A centralidade da França na União Europeia e do Brasil no Mercosul era incontestável. Porquanto, uma forte reaproximação entre esses dois polos era mais que consequente.

O peso da cultura na relação franco-brasileira sempre foi o fator mais dinâmico e permanente. Isso jamais fora negligenciado e a maior demonstração disso foi o enquadramento da inauguração da exposição Claude Monet no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro no calendário da visita do pre-

sidente Chirac ao Brasil. Para o presidente Fernando Henrique Cardoso, essa dimensão cultural da relação cimentava o conjunto de valores comuns dos dois países. No dia 13 de março, um dia após a abertura da exposição, o presidente brasileiro ressaltaria que

[...] isso mostra que o Presidente da República Francesa tem esse sentimento de que o desenvolvimento econômico, o comércio, o investimento são fundamentais, mas é preciso mais que isso. É preciso uma expressão que dê um sinal de humanismo, uma expressão que mostre que os valores continuam a ser o guia que fundamenta a República e a sociedade.

Essa conjunção de valores fazia do Brasil parte da família democrática mundial imaginada pelos franceses. Mesmo assim, dispositivos pragmáticos como a desobstrução dos obstáculos franco-europeus aos produtos agrícolas brasileiros participaram ostensivamente da pauta de discussões do presidente francês com os empresários na Fiesp.

O fazer dos pactos

O presidente Jacques Chirac seguiria sua viagem pelas capitais da região antes de voltar a Paris e o presidente Fernando Henrique Cardoso retornaria integralmente às contingências nacionais ainda naquele dia 13 de março de 1997. O *partenariat* estava lançado. O acordo-quadro, consolidado. A tessitura dos pactos, encaminhada.

Os gestos presidenciais foram fortes. Maio de 1996 na França; março de 1997 no Brasil. Restavam seus desdobramentos. Os presidentes ainda se encontrariam em 1997, no mês de novembro, no Oiapoque. Mas o

biênio 1997-1998 não lhes fora favorável. Pelo Brasil a pauta majoritária contornava planos de reeleição, privatização e gestão de crises econômico-financeiras externas com impactos internos (PEREIRA, 2002). Pela França, o presidente Jacques Chirac, poucas semanas após finalizar sua viagem pela América do Sul e retornar a Paris, decretou a dissolução da Assembleia Nacional e a antecipação das eleições para recomposição parlamentar. O bloco socialista acabou ganhando em maioria e impôs ao presidente francês a experiência da coabitação. Alain Juppé, do partido do presidente, seria substituído pelo Lionel Jospin, do partido socialista, na função de primeiro-ministro. Os demais ministros, em sua maioria, seriam lotados por indicações do primeiro-ministro socialista. Muito especialmente o do exterior que, malgrado domínio reservado do presidente da República, ficaria sob responsabilidade do socialista Hubert Védrine (VEDRINE, 2002).

Essa modificação dos componentes da gestão francesa não alteraria os rumos da reaproximação franco-brasileira. No limite talvez tenha somente feito mover o calendário de encontros e recepções de autoridades dos dois países. Mas, logo em seguida, ainda em 1998, esses encontros seriam intensificados de modo inédito.

*

No interior da vontade política expressa no *partenariat*, o acordo-quadro estabeleceu diversos instrumentos de consulta bilateral. Entre o *Quai d'Orsay* e o Itamaraty foi criada a Comissão Geral Franco-Brasileira. Seu objetivo consistiu em fixar agenda de encontros diplomáticos de autoridades brasileiras e francesas em Paris e Brasília. Pri-

meiro, os secretários gerais das chancelarias. Depois entre os chanceleres. Na sequência de comissões para assuntos políticos, para cooperação cultural e linguística, para cooperação científica e técnica e para discussão de assuntos econômicos. Todos esses encontros seriam iniciados em novembro de 1997 às voltas do encontro dos presidentes no Oiapoque (CPDOC-FGV, 1999a).

O ministro Pedro Malan e o ministro Paulo Renato atravessariam o Atlântico para apresentar a situação brasileira aos seus homólogos Dominique Strauss-Kahn e Claude Allegre antes e depois das eleições presidenciais brasileiras de 1998. Secretários e ministros franceses não tardariam em retribuir as visitas indo a Brasília. Primeiro seria o secretário de comércio exterior Jacques Dondoux em novembro de 1998. Em seguida o secretário geral do *Quai d'Orsay*, Loïc Hennekinne, em fevereiro de 1999. Adiante o secretário de ultramar, Jean-Jack Queyranne e o ministro do exterior, Hubert Védrine, em março de 1999 e o ministro da educação, Claude Allegre, no mês seguinte (CPDOC-FGV, 1999b). Essa intensificação das trocas de impressões também teria repercussões nos diálogos políticos dos dois países nas missões em Nova Iorque.

Essa forte interação não eximia divergências.

No plano comercial, os brasileiros reclamavam maior cooperação e participação francesa. O comércio entre seus países representava algo próximo a três bilhões de dólares. No universo brasileiro, esse coeficiente não passava de 3% de seus intercâmbios comerciais. Do lado francês, 1%. Isso parecia impropriedade na relação entre a oitava e a quarta economias do mundo (vide tabelas). A razão dessa baixa

performance era devida, segundo o Itamaraty, ao bloqueio francês e europeu aos produtos brasileiros. A recomendação era para que esse

assunto fosse, conseqüentemente, conversado franca e abertamente com as autoridades francesas (CPDOC-FGV, 1999a).

Quadro 1 – Intercâmbio Comercial Brasileiro Geral (em dólares)

	Exportação (A)	Importação (B)	Resultados (A-B e A+B)	
1989	34.382.619.710	18.263.432.738	16.119.186.972	52.646.052.448
1990	31.413.756.040	20.661.362.039	10.752.394.001	52.075.118.079
1991	31.620.439.443	21.040.470.792	10.579.968.651	52.660.910.235
1992	35.792.985.844	20.554.091.051	15.238.894.793	56.347.076.895
1993	38.554.769.047	25.256.000.927	13.298.768.120	63.810.769.974
1994	43.545.148.862	33.078.690.132	10.466.458.730	76.623.838.994
1995	46.506.282.414	49.971.896.207	-3.465.613.793	96.478.178.621
1996	47.746.728.158	53.345.767.156	-5.599.038.998	101.092.495.314
1997	52.982.725.829	59.747.227.088	-6.764.501.259	112.729.952.917

Fonte: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio – Secretaria de Comércio Exterior (MDIC-SECEX).

Quadro 2 - Intercâmbio Comercial Geral Brasil-União Europeia (em dólares)

	Exportação (A)	Importação (B)	Resultados (A-B e A+B)	
1989	11.530.200.546	4.290.994.180	7.239.206.366	15.821.194.726
1990	10.597.283.499	4.864.172.511	5.733.110.988	15.461.456.010
1991	10.407.668.794	5.203.830.460	5.203.838.334	15.611.499.254
1992	11.032.475.494	5.060.118.232	5.972.357.262	16.092.593.726
1993	10.526.446.060	6.132.763.550	4.393.682.510	16.659.209.610
1994	12.637.390.125	9.259.138.914	3.378.251.211	21.896.529.039
1995	13.395.099.573	14.307.429.229	-912.329.656	27.702.528.802
1996	13.448.959.951	14.608.233.643	-1.159.273.692	28.057.193.594
1997	15.064.874.715	16.240.978.550	-1.176.103.835	31.305.853.265

Fonte: MDIC-SECEX.

Quadro 3 - Intercâmbio Comercial Geral Brasil-França (em dólares)

	Exportação (A)	Importação (B)	Resultados (A-B e A+B)	
1989	981.628.498	557.685.323	423.943.175	1.539.313.821
1990	902.321.422	585.910.067	316.411.355	1.488.231.489
1991	864.503.843	632.421.987	232.081.856	1.496.925.830
1992	844.255.074	573.173.798	271.081.276	1.417.428.872
1993	781.928.651	723.579.349	58.349.302	1.505.508.000
1994	900.635.905	863.271.632	37.364.273	1.763.907.537
1995	1.038.389.092	1.382.488.842	-344.099.750	2.420.877.934
1996	910.901.000	1.348.672.026	-437.771.026	2.259.573.026
1997	1.110.944.686	1.636.383.765	-525.439.079	2.747.328.451

Fonte: MDIC-SECEX.

Mesmo que frágil no intercâmbio comercial, como pode ser visto nos Quadros 1, 2 e 3, no plano dos investimentos os franceses despontavam. Em 1998, chegaram a ser o quinto maior investidor no Brasil com estoque de cinco bilhões de dólares. Seus principais grupos no país eram Saint Gobain, Carrefour, Rhône-Poulenc, Électricité France, Accor, Danone e Renault Peugeot. Em contraponto, o faturamento da maior parte deles não era desprezível. Em dólares e segundo balanços de 1998 correspondiam a 5.836 bilhões do Carrefour; 3.948 bilhões da Light do setor de energia; 759 milhões da CST de siderurgia; 478 milhões da Alcatel de eletro-eletrônicos; 471 milhões da Rhodia de insumos químicos; 447 milhões da Santa Maria de vidros e 401 milhões do grupo Accor de serviços (CPDOC-FGV, 1999c).

A despeito dessa forte presença, a participação francesa nas privatizações estava relativamente discreta. Não passava de 0,8%. Ficando, assim, muito atrás dos Estados Unidos com participação de 14%; da Espanha com 11,8%; de Portugal com 7,1% e da Itália com 1,8% (CPDOC-FGV, 1999a).

Esse paradoxo seria o núcleo da conversa entre os secretários gerais e os chanceleres em seus encontros em 1999 em Brasília e Paris.

A diplomacia dos pactos

No dia 8 de novembro de 1998, o embaixador Marcos Azambuja, responsável pela embaixada do Brasil em Paris, escrevia ao secretário geral do *Quai d'Orsay*, Loïc Hennekinne, ressaltando a importância da manutenção do encontro de secretários ge-

rais agendado para fevereiro de 1999 no Itamaraty. O presidente Fernando Henrique Cardoso vinha de ser reeleito. O chanceler Luiz Felipe Lampreia estava confirmado no cargo. Mas o secretário geral do Itamaraty, Sebastião do Rego Barros Netto, seria substituído pelo embaixador Luiz Felipe Seixas Corrêa.

O encontro foi mantido. Ocorreria no dia 24 de fevereiro de 1999, às 15h30, na sede do Itamaraty em Brasília. Mas na virada de 1998 para 1999, as crises financeira mexicana, russa e asiática acabaria por contaminar o Brasil e seria inevitavelmente inserida de súbito como assunto para discussão.

Entre a posse no dia 4 de janeiro de 1999 e o encontro com o seu homólogo francês, o embaixador Luiz Felipe Seixas Correa faria, com sua equipe, um exame profundo das lacunas da relação franco-brasileira. Esse exame envolveu a análise de temas de economia, relações bilaterais Brasil-França, Mercosul-União Europeia e América Latina e Caribe-União Europeia e o posicionamento brasileiro e francês nas Nações Unidas.

No interior das Nações Unidas, o interesse brasileiro era ganhar maior *status* reformando o Conselho de Segurança para ascender a membro permanente. O presidente francês era favorável a essa reforma. Mas não havia sinalizado diretamente ao Brasil. Em suas manifestações, ele pronunciava a necessidade de inserção de um "*grand pays du sud*" no Conselho além, claramente, do Japão e da Alemanha. Um apoio explícito da França poderia ser de importância ao Brasil. Àquela altura, os franceses, no interior das Nações Unidas, dispunham de protagonismo em diversas ações. No Oriente Médio

e no Iraque seguiam, segundo o Itamaraty, uma política própria. No contencioso Israel-Palestina, tinham se posicionado contra o rompimento unilateral, desde Israel, do *Wye river memorandum*. Com o Egito, buscavam condições de reverter esse rompimento. Na Síria, avançavam intensamente ancorados no interesse sírio de França e União Europeia servirem de contrapeso à presença dos Estados Unidos na região. Na Jordânia, o presidente Chirac havia ido, em pessoa, aos funerais do rei Hussein e causado a melhor das impressões. No Kosovo, eles estavam no centro das discussões. Sobre o continente africano, eles procuravam uma atuação “criativa” em Angola, Burundi, Etiópia, Eritreia, Guiné-Bissau, Libéria, Líbia, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Saara Ocidental, Serra Leoa, Somália e Sudão (CPDOC-FGV, 1999a).

Sobre o relacionamento América Latina e Caribe e União Europeia, o objetivo mútuo era a reunião de esforços para a organização do encontro de chefes de governo de todos os países concernentes no Rio de Janeiro em fins de junho de 1999 onde se chegaria a um pacto para lançar a relação entre os continentes.

No interior do *partenariat* franco-brasileiro, diversos avanços haviam sido projetados durante 1998. A cooperação em segurança e reaparelhamento da política federal, por exemplo, serviria de instrumento de combate ao crime organizado, ao terrorismo e à imigração ilegal especialmente pelas fronteiras amazônicas e da Guiana Francesa. Essa cooperação era o ponto de partida para a participação da França no Tratado de Cooperação Amazônica. Mas os diploma-

tas brasileiros acreditavam ser importante avançar em assuntos estratégicos sensíveis como o de cooperação espacial. Os franceses acreditavam ser um domínio de política interior de cada país. Os brasileiros, por sua vez, entendiam ser possível formular parcerias entre as bases de Alcântara e Kourou assim como a troca de tecnologias para o desenvolvimento de veículos lançadores de satélites. No plano cultural, o Brasil estava relativamente bem situado na França com a cátedra Mercosul na Sciences Po e as cátedras de *Histoire du Brésil* da Universidade de Nanterre e da Sorbonne. Além disso, o intercâmbio artístico e educacional seguia conseqüente aos dois lados. Essa interação levava os franceses a imaginar uma maior integração linguística a partir dos dois países. Isso significaria uma cooperação entre a lusofonia e a francofonia para minimizar a hegemonia do inglês (CPDOC-FGV, 1999a).

Mas o núcleo da conversação do embaixador Luiz Felipe Seixas Correa com seu homólogo Loïc Hennekinne seria a crise financeira. Os franceses acompanhavam de perto tais crises. No caso da brasileira, eles continuavam a tendência instaurada pelo presidente François Mitterrand de se apresentar para servir de intermediário nas negociações com FMI, BID e demais organismos multilaterais (FAVIER; MARTIN-ROLAND, 1990-1999). Mas, sob a presidência de Jacques Chirac, a pretensão era protagonizar um novo Bretton Woods. O plano francês, na síntese dos diplomatas brasileiros, envolvia diversos níveis. Um geral. Outro bilateral. O bilateral levava em conta a singularidade dos *partenariat* dos franceses pelo mundo. O nível geral envolvia *a*) maior cooperação

econômica entre França, Europa, Estados Unidos e Japão, *b*) aumento da zona do euro, *c*) reformas para assegurar a estabilidade financeiro-econômica e política na Rússia, *d*) reformas no processo decisório do FMI, *e*) maior diálogos entre países industrializados e emergentes, *f*) melhor supervisão de instituições financeiras públicas e privadas, *g*) fiscalização das contas de capitais dos países emergentes, *h*) manutenção de capitais públicos para países emergentes e *i*) associação do setor privado na resolução de crises (CPDOC-FGV, 1999a). Os diplomatas brasileiros consideravam procedentes os interesses franceses, mas iriam propor a adição ou clarificação de pontos de maior interesse aos países emergentes e diretamente ao Brasil. Entre os principais constavam *a*) maior implicação de países industrializados e países emergentes no controle de crises, *b*) maior adequação financeira à globalização, *c*) melhor definição do papel e do destino das instituições financeiras, *d*) maiores cuidados na divulgação de “*early warning*” sobre a situação de países específicos e *e*) liberalização da conta de capitais (CPDOC-FGV, 1999a).

A consolidação dos pactos

Seria exitoso o encontro entre os secretários do Itamaraty e do *Quai d’Orsay* 24 de fevereiro de 1999. Ambos apresentariam suas impressões de modo franco e direto deixando claras as linhas vermelhas de cada país. Isso decorria da confiança mútua que vinha sendo criada no interior da vontade política dos dois presidentes de aproximação. Malgrado de importância, o encontro dos secretários gerais funcionava como preparação

para o encontro dos chanceleres. O chanceler brasileiro encontraria seu homólogo francês, nesse propósito, no dia 27 de maio de 1999 em Paris. O chanceler francês viria a Brasília no dia 1º de setembro seguinte. Esses dois encontros selariam o destino da relação franco-brasileira. O núcleo das conversas envolveria surpresas. Passariam em revista os temas e problemas explorados pelos secretários gerais. O diferencial seria simplesmente o tom ditado pelo decoro hierárquico.

O chanceler Luiz Felipe Lampreia se faria acompanhar do embaixador Marcos Azambuja em sua visita ao *Quai d’Orsay*. O forte de sua mensagem seria reiterar a importância do *partenariat* estratégico, mas também reclamar maior participação francesa nas privatizações brasileiras. Com a Declaração do Rio, o desbloqueio europeu para produtos agrícolas brasileiros passava ao domínio das relações Mercosul-União Europeia. Mas o avanço da discussão dependia da aprovação de um mandato de negociador para a União Europeia. Sem esse mandato seria impossível a liberação tarifária procedente ao Brasil e demais países sul-americanos. O chanceler brasileiro clamaria, mais enfaticamente, a atenção de seu homólogo para esse problema. Como também daria ênfase no interesse brasileiro em maior cooperação francesa em questões espaciais (CPDOC-FGV, 1999b).

Três meses depois, quando do encontro dos chanceleres em Brasília, o emissário francês trazia a boa-nova do ingresso do grupo Casino como investidor no mercado brasileiro. Mas o essencial da reunião contornou os avanços na cooperação transfronteiriça Brasil-França. O ministro francês do

ultramar vinha desenvolvendo um trabalho decisivo. Antes, durante e depois da reunião de 18 e 19 de março de 1999 em Caiena, ele vinha acumulando muitos contatos proveitosos em Brasília, Belém e Macapá. O próximo passo seria a implementação de projetos concretos para integração Brasil-Guiana Francesa-França. Esses projetos envolviam *a)* a construção de mini-hidrelétricas no rio Oiapoque, *b)* a construção das obras da rodovia Macapá-Caiena, *c)* ação conjunta nas áreas de saúde pública e educação e *d)* combate à mosca carambola. Sob todos os prismas, a relação franco-brasileira na Guiana Francesa dava ainda mais consistência ao *partenariat* estratégico (CPDOC-FGV, 1999c).

Terminada a reunião dos chanceleres em Brasília, naquele primeiro de setembro de 1999, a relação franco-brasileira estava preparada para ingressar no século 21. Na forma e no conteúdo, os dois países eram mutuamente confiáveis. Do lado brasileiro, o presidente Fernando Henrique Cardoso ia ampliando inserção internacional positiva do país. Do lado francês, o presidente Jacques Chirac ia consolidando as intenções diplomáticas de seu mentor, o general De Gaulle.

Abstract

This article rebuilds the process of consolidating the Franco-Brazilian relationship between 1997 and 1999. Considers that the state visit of President Jacques Chirac to Brazil in March 1997, after the president's state visit Fernando Henrique Cardoso to France in May 1996, strongly contributed to this consolidation. It indicates that after 1997 would occur therefore greater interaction be-

tween French and Brazilian authorities. And it demonstrates that the meeting between the foreign ministers of the two countries in 1999 was the time when the final design time the bilateral relationship.

Keywords: Brazil-France. Diplomacy. FHC-Chirac.

Resumen

Este artículo reconstruye el proceso de consolidación de la relación franco-brasileña entre 1997 y 1999. Considera que la visita de Estado del presidente Jacques Chirac a Brasil en marzo de 1997, después de estado del presidente Fernando Henrique Cardoso visita a Francia mayo 1996, contribuyó fuertemente a esta consolidación. Indica que después de 1997 se produciría, por tanto, una mayor interacción entre las autoridades francesas y brasileñas. Y demuestra que la reunión entre los ministros de Exteriores de los dos países en 1999 fue el momento en que el tiempo de diseño final de la relación bilateral.

Palabras clave: Brasil-Francia. Diplomacia. FHC-Chirac.

Notas

- ¹ Este artigo conta com apoio da Capes.
- ² O general De Gaulle confidenciaria ao seu primeiro-ministro Michel Debray : “*Je vais en Amérique latine sans programme diplomatique bien précis, mais en quelque sorte instinctivement. Peut-être est-ce important. Peut-être est-ce le moment*” (apud VAÏSSE, 2014, pp. 8-9).

Referências

- ANFROL, Michel. Les discours et messages du général de Gaulle, chef de la France Libre, à l'Amérique latine. In: VAÏSSE, Maurice. *De Gaulle et l'Amérique Latine*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2014.
- CHIRAC, Jacques. *Le temps présidentiel*. Mémoires. Paris: Nil, 2012.
- CRÉMIEUX-BRILHAC, Jean-Luis. *La France Libre I : de l'appel du 18 juin à la libération*. Paris: Gallimard, 2014.
- FAVIER, Pierre & MARTIN-ROLAND, Michel. *La décennie Mitterrand*. 1 - Les ruptures (1981-1984). 2 - Les épreuves (1984-1988). 3. Les défis. 4. Les déchirements. Paris: Éditions du Seuil, 1990-1999.
- PELOSI, Hebe Carmen. André Malraux et l'Amérique latine (1959) : une voyage de propagande ? In: VAÏSSE, Maurice. *De Gaulle et l'Amérique Latine*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2014.
- PEREIRA, Álvaro. *Depois de FHC. Personagens do cenário político analisam o governo Fernando Henrique Cardoso e apontam alternativas para o Brasil*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- RÉMOND, René. *Histoire de France*. Le siècle dernier de 1918 à 2002. Paris: Fayard, 2003.
- ROUQUIE, Alain. *Le Brésil au XXIe siècle : naissance d'un nouveau grand*. Paris: Fayard, 2006.
- SOUTOU, Georges-Henri. *La guerre foide*. 1943-1990. Paris: Pluriel, 2011.
- TROUVÉ, Mattieu. L'ambition et les contraintes. Les discours et messages du général de Gaulle en Amérique latine et leur réception : la voix et les voies de la politique latino-américaine de la France (1964). In. : VAÏSSE, Maurice. *De Gaulle et l'Amérique Latine*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2014.
- VAÏSSE, Maurice. *De Gaulle et l'Amérique Latine*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2014.
- _____. *La grandeur: la politique étrangère du général de Gaulle (1958-1969)*. Paris: Fayard, 1998.
- _____. *La puissance ou l'influence? La France dans le monde depuis 1958*. Paris: Fayard, 2009.
- VEDRINE, Hubert. *Cohabitation, Europe : comment se fabrique la politique étrangère? Politique étrangère*, n. 4, pp. 863-877, 2002.
- _____. *Les mondes de François Mitterrand*. À L'Élysée (1981-1995). Paris: Fayard, 1996.
- VILLEPIN, Dominique de. *Histoire de la diplomatie française*. Paris: Perrin, 2005.

Fontes

- AZAMBUJA, Marcos. *Carta ao secretário geral do Quai d'Orsay*. 9 de novembro de 1998. Arquivo do Itamaraty - Embaixada em Paris. Troca de notas - Embaixada do Brasil e Ministério das Relações Exteriores da França. Julho a dezembro de 1998.
- CHIRAC, Jacques. *Discours de M Jacques CHIRAC, Président de la République devant la fédération des industries de São Paulo*. São Paulo, 13 mars 1997.
- CHIRAC, Jacques. *Discours prononcé par M. Jacques CHIRAC président de la République devant le Congrès de la République fédérative du Brésil*. Brasília, 12 mars 1997.
- CHIRAC, Jacques. *Discurso de abertura do encontro empresarial franco-brasileiro*. Sede da Fiesp, São Paulo, 13 de março de 1997.
- CHIRAC, Jacques. *Discurso na cerimônia de recepção ao Presidente da França*. Rio de Janeiro, 12 de março de 1997.
- CHIRAC, Jacques. *Réponses de M. Jacques CHIRAC, Président de la République aux questions des membres de la fédérations des industries de São Paulo*. São Paulo, 13 mars 1997.

CPDOC/FGV. *Reunião de Consultas políticas Brasil-França entre os embaixadores Luiz Felipe Seixas Correa e Loïc Hennekinne*. Arquivo Luiz Felipe Lampreia. LFL mre 2. 1999.02.24/1.

CPDOC/FGV. *Visita de trabalho do senhor Ministro de Estado à França a 27 de maio de 1999*. Arquivo Luiz Felipe Lampreia. LFL mre 2. 1999.02.24/1.

CPDOC/FGV. *Reunião de trabalho entre os ministros Luiz Felipe Lampreia e Hubert Védrine*. Brasília, 1º de setembro de 1999. Arquivo Luiz Felipe Lampreia. LFL mre 2. 1999.02.24/1.

D'ORSAY, Quai. *Telegrama ao Chanceler Luiz Felipe Lampreia*. 02/02/1995. Arquivo LFL pi Lampreia, L. F. 1995.04.05. CPDOC-FGV.

ENTREVISTA COM JACQUES CHIRAC. Rio de Janeiro: TV GLOBO, 8 de março de 1997. Programa de TV.